

1

Hagiografia e Canonização: a santidade de Tomás de Aquino e o reconhecimento papal (1318-1323)

Igor Salomão Teixeira

(Doutorando em História/UFRGS)

Resumo:

O trabalho aborda características de fontes como relatos sobre vidas de santos e os processos de canonização. A análise está centrada na primeira hagiografia, no processo de canonização de Tomás de Aquino e nos acontecimentos relacionados ao período, como a relação do Papa João XXII e a Ordem dos Dominicanos entre 1318 e 1323. Nosso objetivo é evidenciar a riqueza documental dos processos de canonização para o estudo da santidade oficial do início do século XIV.

Palavras-chave: Hagiografia – Canonização – Tomás de Aquino.

Introdução:

Este trabalho consiste nas abordagens iniciais relacionadas à pesquisa de doutorado, cujo título é “*Et quod tot fecerat miracula quod scripserat articulos*”: **santidade, hagiografia e história na canonização de São Tomás de Aquino (1274-1323)**. Nosso objetivo é, a partir da primeira *vita* sobre essa personagem e o inquérito para a verificação dos milagres, discutir questões tanto metodológicas quanto sobre as relações entre essa canonização e o Papado de João XXII; a anulação das condenações de 1277 e o modelo propagado a partir do reconhecimento da santidade de Tomás de Aquino. Nesta pesquisa, a primeira hagiografia sobre esse intelectual e o processo de verificação dos milagres são analisados a partir da hipótese que os argumentos utilizados para a canonização estão inseridos numa tradição hagiográfica e que a construção da excepcionalidade de Tomás de Aquino se deu a partir do uso de *topos* narrativos amplamente difundidos nessa tradição e no imaginário coletivo acerca da santidade no Ocidente Medieval.

Acreditamos que, para o período relacionado à canonização de Tomás de Aquino é importante analisar a hagiografia e o processo na medida em que, lidos em conjuntos, podem revelar as formas de entendimento da santidade por parte de quem escreveu a vida do santo e por parte daqueles que prestaram depoimentos sobre o santo em vida e os milagres ocorridos

2

após sua morte. Essa primeira orientação metodológica provém do estudo mais sistemático, até hoje, defendido sobre a santidade dos séculos finais da Idade Média, a saber, *La Santità nel Medioevo*, de André Vauchez.¹ Mesmo afirmando que um processo de canonização é “una leggenda in via di formazione”, Vauchez não comparou o inquerito com as vidas de santos. Este autor analisou os processos, apenas. Pois estes seriam o lugar “privilegiado do confronto das exigências dos fiéis e igrejas locais e das exigências da Sé Apostólica”.² O período compreendido em sua análise é de 1185 a 1431, o que lhe permitiu propor uma tipologia para a santidade medieval, bem como concluir que entre as perguntas e as respostas nos inqueritos nem sempre havia coincidência. Diante desta constatação, Vauchez defendeu que existia uma contradição entre a santidade local e a oficial.³

Com um recorte bem mais modesto e preciso, propomos analisar a documentação produzida em torno da canonização de Tomás de Aquino, que ocorreu em solenidade no dia 18 de julho de 1323, como desfecho da empreitada iniciada em 1318. Pelo percurso durante sua vida (1224?-1274), Tomás de Aquino se revela como uma personagem que permite discutir, além do perfil de santidade divulgado com seu reconhecimento, as relações entre ordens mendicantes, o papado e a sociedade cristã ocidental entre o final do século XIII e início do século XIV. Isto porque, em vida, nosso sujeito histórico protagonizou polêmicas e esteve envolvido em conflitos institucionais, como o fato de, em 1252, ter sido nomeado *magister* aos 28 anos, antes da idade recomendada, que era de 30 anos – o que levou a um boicote por parte de alguns integrantes da Universidade de Paris, que teriam impedido alguns alunos a assistirem sua aula inaugural⁴ – e a Querela dos Mendicantes (1254-1256), quando defendia a presença dos mesmos nas Universidades.⁵ Além disso, no terceiro aniversário de sua morte, 7 de março de 1277, um novo episódio polêmico o colocaria ao centro das discussões intelectuais e doutrinárias em Paris: o Bispo Étienne Tempier condenou 219 teses, dentre as quais podemos perceber algumas de orientação tomista, principalmente no que tange à utilização de Aristóteles.⁶

¹ VAUCHEZ, André. *La Santità nel Medioevo*. Bologna: Il Mulino, 1989.

² IDEM. p.43.

³ IDEM. pp. 543-551.

⁴ PESCH, Otto H. *Tomás de Aquino: Límite y grandeza de una teología medieval*. Barcelona: Herder, 1992. p.90.

⁵ TOMÁS DE AQUINO. *CONTRA IMPUGNANTES DEI CULTUM ET RELIGIONEM*. Documento disponível em: <http://www.corpusthomicum.org/oci0.html>. Acesso em 2 de maio de 2008.

⁶ DE BONI, Luis A. As condenações de 1277: os limites entre a Filosofia e a Teologia. In: IDEM (org.). *Lógica e Linguagem na Idade Média*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1993. pp. 127-144.

3

Em termos políticos, Tomás de Aquino estudou na Universidade de Nápoles, fundada por Frederico II para contrapor à Universidade de Bologna, controlada pelo Papado. Era filho de nobres do condado de Aquino, que ficava no meio do caminho entre Nápoles e Roma e, portanto, numa região de disputas políticas e territoriais. Além disso, sua entrada para a Ordem dos Dominicanos, em 1244, estabeleceu um conflito, inclusive familiar, na medida em que o agora noviço deveria abster-se dos bens familiares e da vida que levava no castelo de Rocasseca.

Quanto ao contexto político do período em que foi canonizado, as tensões são ainda mais complicadoras: desde 1305 o papa estava sediado fora de Roma. O período chamado de Papado de Avignon (1305-1378), e, principalmente o papa que canonizou Tomás de Aquino, João XXII – cujo pontificado durou de 1316-1334, sendo o mais longo dentre os sete ali sediados – também protagonizou inúmeros desentendimentos com autoridades, como Frederico de Habsburgo, da Áustria, e Luís de Wittelbasch, da Baviera. João XXII administrou com mão-de-ferro os bens da Igreja, levando ao enriquecimento e expansão territorial dos chamados Estados Pontifícios, mas também foi acusado de heresia por parte de Luís da Baviera. Mas, para além desses, o próprio conclave de sua eleição foi marcado por dois anos de indecisão. Entre a morte de seu antecessor, Clemente V, em 1314, e a eleição em 1316, revelam que não existia acordo para a ascensão de um novo pontífice. Outro fator que está diretamente relacionado à canonização de Tomás de Aquino e ao conclave: a eleição ocorreu numa sede dominicana.

Nossas perguntas são: Quais elementos permitem associar a canonização de Tomás de Aquino com esses eventos? Por que a canonização após 49 anos da morte? O que teria mudado nas concepções teológicas entre 1277 e 1323, a ponto de um autor de idéias outrora condenadas ser alçado à condição de santo da Igreja? Canonizar um dominicano seria um agradecimento do papa à ordem que sediou o conclave que o elegeu? Mudava-se o perfil de santidade naquele período?

No âmbito dos estudos sobre hagiografia, Tomás de Aquino e a *vitaæ* escrita por Guilherme de Tocco também compreendem aspectos intrigantes: entre o final do século XIII, início do XIV, modificações no entendimento da santidade, o santo deixava de lutar contra dragões para ser reconhecido por suas boas obras. Daí também as perguntas: Que santo Guilherme de Tocco apresentou em sua *Ystoria Sancti Thome de Aquino*? Entre essa narrativa

4

e o inquirido é possível perceber confluências, distanciamentos? Quais foram as fontes de Guilherme de Tocco?

Breve história e historiografia da santidade oficial entre os séculos XIII e XIV:

A *Ystoria Sancti Thome de Aquino*, de Guilherme de Tocco, pode ser definida a partir da proposição clássica de Hippolyte Delehaye, do início do século XX. Segundo este autor, a hagiografia é uma narrativa de caráter religioso, inspirada no culto dos santos e com o objetivo de promovê-lo.⁷ Essa definição – utilizada até hoje – inspirou as reflexões de Michel de Certeau, que defendeu ainda que é um tipo de texto escrito para uso festivo e que estaria fora do dogma e da norma, no qual importa não o que se passou, e sim, o que é exemplar.⁸ Como já enfatizado no mestrado, acreditamos que as hagiografias não estariam alheias a dogmas, e sim, seriam expressões de um dos campos litúrgicos que a Igreja tentou controlar.⁹

O santo foi caracterizado por Aviad Kleinberg como um ser de exceção e ao mesmo tempo em que é identificado por aspirações coletivas, é separado dessa coletividade por sua singularidade.¹⁰ Segundo este autor, a santidade para o reconhecimento oficial é diferente daquela cultuada fora do âmbito institucional da Igreja. Para isso propôs a seguinte distinção: a santidade oficial é como autoridade e, por isso, reconhecida em forma cerimonial – caso em que entraria Tomás de Aquino – e a santidade das comunidades seria uma santidade carismática.¹¹

No início do cristianismo, como analisado por Peter Brown, e definido por Anneke Mulder-Bakker, a santidade era atribuída mais ao lugar de morte e túmulo do que ao indivíduo sepultado.¹² Para os séculos finais da Idade Média a santidade deixou de ser

⁷ DELEHAYE, H. *Les Légendes Hagiographiques*. 3éd. Bruxelles: Société des Bollandistes, 1927. p. 02.

⁸ CERTEAU, M. *L'écriture de l'histoire*. Paris: Gallimard, 2002. pp. 317-322.

⁹ TEIXEIRA, I. S. A encruzilhada das idéias: aproximações entre a *Legenda Áurea* (Iacopo da Varazze) e a *Suma Teológica* (Tomás de Aquino). Dissertação (Mestrado em História), UFRGS. Porto Alegre, 2007.

¹⁰ KLEINBERG, A. *Histoire des Saints: Leur rôle dans la formation de l'Occident*. Trad. par Moshé Méron. Paris: Gallimard, 2005. p. 14.

¹¹ IDEM. pp. 15-19.

¹² BROWN, P. *The cult of the saints: Its Rise and Function in Latin Christianity*. Chicago: UCP, 1982. e MULDER-BAKKER, A. The invention of saintliness. Texts and contexts. In: _____ (ed.). *The Invention of Sainliness*. Routledge: London, 2002. pp. 3-23.

5

conferida apenas aos lugares de culto: houve um deslocamento, ou melhor, uma multiplicação do poder do santo na medida em que, por exemplo, as imagens passaram a ser utilizadas a partir da crença que um santo fazia milagres fora de seu lugar de sepultamento.¹³ Isto implicou numa modificação do olhar sobre a santidade do lugar para a santidade da pessoa. Segundo Mulder-Bakker, esta é a segunda característica da concepção de santidade, que também cristalizou o santo como intercessor.¹⁴ Uma terceira característica é a do santo como imitador de Cristo.¹⁵

Alexander Murray, refletindo sobre o caráter social da santidade, considerou que o santo é um ser ambíguo e sem classe social.¹⁶ Este dado é paradoxal, pois, em geral, os hagiógrafos medievais escreveram sobre santos nobres, reis e rainhas. Para Murray, a função de intercessor e a atuação do santo para além de seu sepulcro contribuíram para uma maior eficácia da comunicação entre os fiéis e o sagrado.¹⁷

No entanto, é importante ressaltar que, com a instituição dos processos de canonização, a crítica sobre os milagres se intensificou, tornando-se cada vez mais raras essas ocorrências. Em geral, a bibliografia deixa a entender que esse foi um dos fatores que proporcionou a modificação na escrita hagiográfica e no tipo de santo reconhecido. Segundo Murray isto marcaria uma mudança na forma de relacionamento entre os santos e os fiéis, pois as pessoas não viam milagres acontecendo a todo instante.¹⁸

Segundo Alain Boureau, a escolástica e as concepções de natureza contribuíram para a modificação do entendimento dos fatos extraordinários. O primeiro aspecto desta modificação foi a crítica racionalista sobre a credulidade atribuída à intervenção divina para fatos inexplicáveis.¹⁹ O autor defendeu a importância que a “imaginação” assumiu nesse período e como ela tinha poderes de provocar efeitos visíveis, como no caso dos estigmas de São Francisco de Assis. Segundo o autor, para a Igreja, a natureza humana de São Francisco poderia cooperar com a causalidade sobrenatural. Tendência que definida como “naturalista, escolástica-mística (de orientação neo-agostiniana)” baseada, principalmente na veemência da

¹³ VAUCHEZ, A. *La santità nel Medioevo...* op. cit. pp. 452-457.

¹⁴ MULDER-BAKKER, A. B. *The invention of saintliness. Texts and contexts...* Op.cit. p. 9.

¹⁵ IDEM. p. 10.

¹⁶ MURRAY, A. *Reason and Society in the Middle Ages*. New York: Oxford University Press, 2002. pp. 383-404.

¹⁷ IDEM. p. 402.

¹⁸ IDEM. p. 9.

¹⁹ BOUREAU, A. “Miracle, Volonté et imagination: la mutation scolastique (1270-1320)”. In: *MIRACLES, PRODIGES ET MERVEILLES AU MOYEN AGE*. Paris: Sorbonne, 1995. pp. 159-172.

6

imaginação, que a habilitaria como instrumento de cooperação entre o divino e o humano. Essa mutação contribuiu para uma definição de “milagre-transformação”.²⁰

Para André Vauchez, no final da Idade Média três aspectos foram mais valorizados do que os milagres: entre o século XII e XIII a valorização estaria no ascetismo, na pobreza e no zelo pastoral, ao que o autor definiu como modelo evangélico de santidade.²¹ No século XIV este modelo entrou em crise e houve uma valorização da cultura (1300-1370: período no qual ocorreu o pontificado de Avignon e a canonização de Tomás de Aquino).²² De 1370 a 1430, aproximadamente, outro aspecto surgiu: a santidade mística. Segundo Vauchez, esta não foi um “fenômeno comum ou popular, mas restrito a algumas almas eleitas e um fenômeno profundamente elitista”.²³

Nesse processo, a maioria das compilações hagiográficas foi elaborada por dominicanos: Jean de Mailly (†1260), que entre 1225 e 1230 compilou o *Abbreviatio in gestis et miraculis sanctorum*; Bartolomeu de Trento (†1251) que, em 1245 compilou o *Epilogus in Gesta sanctorum*; Vincent de Beauvais (†1267), que compilou entre 1244 e 1250 o *Speculum historiale* e a *Legenda Áurea*, de Iacopo da Varazze (†1298), escrita entre 1260 e 1298; Gerardo Frachet e Thomas de Cantimpré, que por volta de 1260 compilaram as *Vitae Fratrum* e o *Bonum Universale de Apibus*, respectivamente. Uma tradição, portanto, vasta, começada muito antes do texto de Guilherme de Tocco, porém, sua contemporânea. Como dominicano ele conhecia as obras de seus predecessores e isso, de certa forma, está expresso em seu texto. Embora a concepção de santidade tenha se modificado ao longo dos séculos, Tomás de Aquino, como santo, guarda características comuns e, a partir dessas características que pretendemos discutir os limites das transformações em relação à santidade e à hagiografia na *Ystoria Sancti Thome de Aquino*.

Sobre as fontes:

²⁰ IDEM. pp. 163-172. A teoria da *imitatio* está baseada em três níveis de visão: *visio corporalis* (a visão como sentido humano), *visio intellectualis* (contemplação racional) e, entre elas, a *visio spiritualis* (por onde se formam as imagens que são conservadas na memória e aparecem nos sonhos e visões). Cf. SCHMITT, J-C. *O Corpo das Imagens: ensaios sobre a cultura visual na Idade Média*. Trad. José R. Macedo. Bauru, SP: EDUSC, 2007. pp. 16-17.

²¹ VAUCHEZ, A. *La santità nel Medioevo...* op. cit. pp. 376-381.

²² IDEM. pp. 387-399.

²³ IDEM. p. 404.

Para esta ocasião selecionamos dois trechos específicos: os primeiros depoimentos coletados entre 23 e 25 de julho de 1319, bem como o primeiro milagre, ocorrido na transladação do corpo, que foi a emanção do odor e um dos milagres recorrentes nos depoimentos supracitados, a saber, o da cura do Mestre Raynaldo.

Para isso utilizamos o primeiro tomo do mês de março dos *Acta Sanctorum*.²⁴ Trata-se da primeira edição, de 1668, que contém excertos da hagiografia escrita por Guilherme de Tocco e os depoimentos realizados em Fossa-Nova em 1319. São elementos que compõem o processo de canonização, conduzido por Umberto, Arcebispo de Nápoles, e Ângelo, bispo de Viterbo e da Tuscanella, acompanhados por D. Pandulfo de Sabello, notário do Papa João XXII.²⁵ Sobre a hagiografia escrita por Guilherme de Tocco utilizamos também a edição crítica mais recente, traduzida para o francês em 2005.²⁶ Além dessas fontes, os *Acta Sanctorum* de 7 de março apresentam documentos como, excertos da hagiografia escrita por Bernardo Gui após a canonização e a história dos traslados do corpo de Tomás de Aquino.

Limites e potencialidades da documentação selecionada:

Seguimos nesta apresentação uma lógica: as atas dos *testes auditi* ocorridos no Palácio do Arcebispo de Nápoles entre 21 de julho e 18 de setembro de 1319 serviram de fontes para a hagiografia escrita por Guilherme de Tocco. Este, inclusive, esteve presente nas audiências e foi um dos depoentes. Desta forma, apresentamos as características gerais dos interrogatórios, bem como um panorama sobre os depoentes. Em seguida, os episódios aos quais Guilherme de Tocco faz alusão tendo como referência explícita aquelas audições. Lembrando que neste texto são analisados apenas os depoimentos dos dias 23 a 25 de julho de 1319 e os milagres relacionados aos odores na transladação do corpo de Tomás de Aquino e a cura de Raynaldo.

²⁴ *DE SANCTI THOMA AQUINATE: Doctore Angélico Ordinis Praedicatorum*. In: *Acta Sanctorum. Martii*. Tomus I. A Ioanne Bolland S.I. colligi felicit coepta A Godefrido Henschenio et Danielle Paperbrocchio eiusdem societatis Iessu aucta digesta & illustrata. Antuperpiæ, apud Iacobum Meursium. Anno MDCLXVIII. pp. 655-747. As próximas referências constarão apenas em letras maiúsculas e em itálico a parte da compilação na qual se encontra a citação e a respectiva página.

²⁵ A íntegra da documentação foi publicada na *Revue Thomiste*, nos volumes de 1931. Outra referência a documentos biográficos sobre Tomás de Aquino: FOSTER, K. *The Life of Saint Thomas Aquinas: biographical documents*. Baltimore: Helicon Press; London: Longmans, 1959.

²⁶ GUILLAUME DE TOCCO. *L'histoire de saint Thomas d'Aquin*. Traduction française du dernier état du texte (1323) avec introduction et notes par Claire Le Brun-Gouanvic. Paris: Cerf, 2005.

8

André Vauchez oferece um roteiro para o desenvolvimento dos processos de canonização, o qual serve para orientar na compreensão de como se deu a empreitada em torno de Tomás de Aquino. Como aqui não apresentamos uma análise integral do processo, seguiremos esse roteiro até as partes que a documentação nos permite acompanhar, ou seja, até o início dos interrogatórios.

Geralmente, segundo o autor, os processos eram desencadeados pelo bispo do lugar onde o santo morreu. Para o processo em questão, sabemos que Tomás de Aquino faleceu num mosteiro da Ordem Cisterciense, mas a causa foi movida pela Ordem dos Dominicanos, que designou Guilherme de Tocco a fazer a pesquisa inicial sobre Tomás de Aquino.

Esta pesquisa inicial, segundo Vauchez, é caracterizada pelo recolhimento de informações as quais serviriam de argumento para a montagem do processo inquisitorial para investigação dos milagres. Na bula em que autoriza o processo, João XXII solicita que sejam recolhidos testemunhos em memória de Tomás de Aquino, nos quais se verifique se “*odore sanctitatis emicvit*” e os milagres ocorridos após sua morte.²⁷ As suspeitas do Papa indicam que houve um levantamento prévio de informações sobre essas supostas ocorrências.

Outro aspecto indicado por Vauchez é a duração do processo. Este autor afirma que a partir do século XIII há uma diminuição entre o tempo de morte e o início do inquérito, conseqüentemente, das canonizações. Além disso, o intervalo entre a autorização pontifícia e a investigação propriamente dita era curto. Isto porque os promotores da causa tentariam aproveitar a “benevolência” do Papa, bem como temiam uma mudança de Papa e a possível interrupção do processo.²⁸

O processo iniciou com a leitura da bula que instaurava o inquérito e os inquisidores. Seriam, então, os responsáveis por conduzir os interrogatórios no palácio episcopal de Nápoles, o Fr. Guilherme de Tocco, procurador do processo, dominicano do convento de Benevento; Umberto, arcebispo de Nápoles; Ângelo, bispo de Viterbo e da Tuscanella; Pandolfo de Sabello, notário do Papa; e os deputados “*presentibus ad totum Processum Inquisitionis*”, os nobres Pedro João de Rocca-Tarani, da diocese sabinense, e Francisco de

²⁷ *PROCESSVS INQVIVISIONIS FACTÆ SUPER VITÆ, CONVERSATIONE, & MIRACULIS RECOL. MEM. FR. THOMÆ DE AQVINO*. Capvt I, p.687. A bula foi transcrita pelo escrivão. De acordo com as indicações da edição utilizada, o documento está contido no item 3.

²⁸ VAUCHEZ, A. *La santità nel Medioevo*. Op.cit. pp.46-47.

9

Laureto, da diocese penense, além de Pedro, notário papal e escrivão do Processo. Em 21 de julho de 1319, foi feita a leitura deste documento na presença de nobres de Nápoles.²⁹

Claire Le Brun-Gouanvic menciona que 43 pessoas testemunharam a primeira etapa de depoimentos. Além disso, defende que dessas, 12 certamente conheceram Tomás de Aquino.³⁰ Para André Vauchez, tanto religiosos quanto leigos acompanhavam o processo para garantir a regularidade do mesmo. No caso de tribunais nos quais as pessoas não falavam um único idioma, existiam os tradutores. Quanto aos notários, Vauchez afirma que eles não intervinham diretamente no desenvolvimento do processo, mas seu papel era importante, pois sua presença ressaltava o valor jurídico do inquérito.³¹

Expedida por João XXII em Avignon, a bula também incumbia os inquisidores a se preocupar em fazer com que os depoentes, sob juramento, dissessem a verdade sobre a vida de Tomás de Aquino. Eram necessárias minuciosas informações de como souberam, por quem souberam, quando (dia, mês) e onde souberam, quais palavras foram pronunciadas pelo informante e quais eram as testemunhas. No caso dos milagres, além disso, era necessário perguntar “Si eos antè cognoscebam, & quot diebus antè viderunt eos infirmus, & quanto tempore fuère infirmi, quanto tempore visi sunt sani, de quo loco sunt”.³² Apesar de parecer óbvio, os milagres eram essenciais para a inscrição do candidato no catálogo dos santos. E, pelas palavras acima, escritas por Pedro notário, percebemos uma orientação explícita à necessidade de se verificar milagres de cura.

Foram realizadas duas etapas de interrogatórios. Uma em 1319 e outra em 1321. Para os depoimentos da primeira etapa temos o seguinte panorama: foram 32 depoentes. Destes, 16 eram da Ordem Cisterciense de Fossa-Nova, onde Tomás de Aquino morreu. Outros 6 eram dominicanos, cuja procedência provável seja Nápoles, ao menos para 5 freis (mas essa indicação explícita só é feita em 2 casos). A exceção seria Guilherme de Tocco, que era de Benevento. Houve ainda o inquérito de Iacobus de Viterbio, identificado como *Canonicus Neapolitans*, porém não há referências se pertencia a alguma ordem religiosa. A outros 2 depoentes, Maphaeus Aconzaiocus de Barello e Iacobus Capuanus, não foram identificadas funções. No primeiro caso não se sabe sequer a procedência; no segundo, trata-se de um

²⁹ Ibid. p.686.

³⁰ LE BRUN-GOUANVIC, C. Introduction. In: GUILLAUME DE TOCCO. *L'histoire de saint Thomas d'Aquin...* op. cit. p.11.

³¹ VAUCHEZ, A. *La santità nel Medioevo*. Op.cit. p. 45-46.

³² Ibid. p.687.

10

napolitano. Como indica a tabela abaixo, portanto, os depoentes são do lugar de morte e de origem de Tomás de Aquino. Não constam, para a etapa de 1319, testemunhas de Paris ou Colônia, onde Tomás foi aluno de Alberto Magno e *magister*. Interessa, por ora, os 5 primeiros depoimentos. Destes, 1 era autoridade pública e jurídica e os outros 4, monges do mosteiro onde o investigado faleceu.

Todas as anotações do notário do processo seguem a mesma estrutura. Inicia-se com perguntas sobre a vida e de como os depoentes sabiam das informações prestadas. Depois o interrogatório é voltado para os milagres. Sobre o primeiro aspecto, é unânime a resposta que Tomás de Aquino foi um homem de santíssima vida, exemplar. Em relação aos milagres, Petrus Grassus depôs como testemunha viva de um dos milagres: ele sofria de dores fortes no braço direito, que foram curadas “per merita dicti Sancti”, escreveu o notário.³³ Esse milagre não é mencionado pelos outros 4 interrogados aqui analisados.

³³ *PROCESSVS INQUISITIONIS FACTÆ SUPER VITÆ, CONVERSATIONE, & MIRACULIS RECOL. MEM. FR. THOMÆ DE AQVINO*. Capvt II. p.688. cf. item 7. Nos *Acta Sanctorum* este milagre aparece arrolado na *Vitã* escrita por Guilherme de Tocco no item 117. Na edição francesa do mesmo texto é o milagre 51.

DEPOENTE	DATA	CARGO/FUNÇÃO	ORIGEM/ORDEM
Petrus Grassus	23/07/1319	Comissário Régio	Nápoles
Nicolaus	24/07/1319	Abade	Fossa-Nova/Cisterciense (C)
Nicolaus de Fresolino	24/07/1319	Monge	Fossa-Nova (C)
Martinus de Pastinã	24/07/1319	Sacerdote	Fossa-Nova (C)
Octavianus de Babuco de Campaniã	25/07/1319	Sacerdote e monge	Fossa-Nova (C)
Nicolaus de Piperno	26/07/1319	Monge	Fossa-Nova (C)
Petrus Francisci de castro Piperni	26/07/1319	Monge	Fossa-Nova (C)
Gregorius de S. Stephano	27/07/1319	Sacerdote e monge	Fossa-Nova (C)
Leonardus de Piperno	27/07/1319	Monge	Fossa-Nova (C)
Ioannis de Adelasia de Piperno	27/07/1319	Sacerdote e monge	Fossa-Nova (C)
Ioannis de Sclavis	28/07/1319	Sacerdote e monge	Fossa-Nova (C)
Iacobus de Fresolon	28/07/1319	Sacerdote e monge	Fossa-Nova (C)
Petrus de Fundis	30/07/1319	Sacerdote e monge	Fossa-Nova (C)
Henricus de Carrahulis [sic]	30/07/1319	Nobre	Nápoles
Iacobus de Caiatiã	31/07/1319	Monge?	Dominicano (D)
Nicolaus de Filimarino	31/07/1319	Nobre	Nápoles?
Petrus de S. Felice	31/07/1319	Monge?	(D)
Thomas de Mathiã	31/07/1319	Abade	
Corradus de Suessa	31/07/1319	Sacerdote	(D)
Ioannis	01/08/1319	Monge?	Nápoles (D)
Petrus de Castro Montis S. Ioannis	01/08/1319	Monge	Fossa-Nova (C)
Petrus de Piperno	03/08/1319	Monge	Fossa-Nova (C)
Guilhelmus de Tocco	04/08/1319	Sacerdote e Prior	Benevento (D)
Antonius de Brixia	04/08/1319	<i>Sacerdos studens</i>	Nápoles (D)
Maphaeus Aconzaious de Barello	04/08/1319		
Iacobus Capuanus	06/08/1319		Nápoles
Ioannis Blasii	06/08/1319	Juiz	Nápoles
Nicolaus de Roccã-Sicca	07/08/1319	Sacerdote e monge	Fossa-Nova (C)
Riccardus de Fundis	07/08/1319	Sacristão	Fossa-Nova (C)
Leonardus de Caietã	08/08/1319	Sacerdote	Nápoles?
Bartholomæus de Cápua	08/08/1319	<i>Logotheta & Protonotarius regni Siciliae</i>	Sicília
Iacobus de Viterbio	18/09/1319	<i>Canonicus Neapolitanus</i>	Nápoles

Tabela 1: Depoentes entre 23 de julho e 18 de setembro de 1319 no Palácio Episcopal de Nápoles.

12

Os monges e o abade do mosteiro de Fossa-Nova repetem-se: narram sobre a entrada de Tomás de Aquino, enfermo, e destacam que nem a doença ofuscava sua devoção e intensidade nas orações. Quanto aos milagres, todos narram que “quòd in aperturâ ipsius sepulturæ exivit tanta fragrantia odoris, quòd dicta capella cum claustro dicti monasterii repleta est odore suavissimo”.³⁴ Essa citação, apesar de ser do depoimento do Abade do mosteiro, repete-se nos outros casos.

É interessante, neste momento, prestarmos atenção na forma de redação do processo. Após acusar tal milagre, os inquisidores prosseguem a investigação, assim anotada:

Interrogatus de tempore, mense & die, dixit, quòd fuit infra unum mensem, vel circà podicti Fr. Thomæ obitum, ut supra; dixit tamen de mensè, & die se non recordari. Interrogatus quibus præsentibus, dixit quòd præsentibus omnibus monachis dicti monasterii, de quibus supradictus ipse testis, & supradictus Fr. Petrus, & Fr. Octavianus. Interrogatus de loco, dixit, ut suprâ deposuit [sic]. Interrogatus ad cuius vocationem ipse testis iuit vedere & sentire prædicta, dixit, quòd ipse iuit as suavitatem odoris, quem sentit in aperturâ sepulturæ prædictæ.³⁵

Ou seja, o notário escreve em forma de relatório, no qual dispõe em seqüência as questões feitas e as respostas dadas. Aqui, neste caso, não existem tensões entre as expectativas do fiel que depõe e as exigências da Sé Apostólica, como defendeu André Vauchez. Perguntamos: isso ocorre por se tratar de interrogado-interrogador de um mesmo universo intelectual? Para os depoimentos de 1319, acreditamos que assim ocorre na medida em que os depoentes eram todos letrados, nobres ou religiosos envolvidos diretamente com o lugar de origem familiar de Tomás de Aquino e seu falecimento.

O outro milagre comum aos depoimentos dos monges de Fossa-Nova aqui analisados é o da cura de Raynaldo, que não conseguia andar e, após sete salmos rezados no túmulo, “sanus sum”, nas palavras de Fr. Martinus de Pastinâ.³⁶ Este milagre foi presenciado pelo depoente seguinte, Fr. Octavianus, que “Interrogatus de causâ scientiæ, dixit, quòd ipse intersvit, & vidit omnia supraticta, quæ deposvit, & quòd vidit ipsum sanatum, per se stantem, & ambulationem sine alluius suffragio”.³⁷ Fr. Octavianus narra ainda outros dois milagres: a cura da cegueira de Fr. Ioannes de Florentino (Sub-prior de Fossa-Nova) e a fertilidade de uma mulher que não conseguia engravidar.

³⁴ Ibid. p.689. Cf. item 8.

³⁵ Ibid. p.689, final do item 8.

³⁶ Ibid. p.690. Cf. item 13.

³⁷ Ibid. p.691. Cf. item 16.

13

Aproximando os depoimentos supracitados com a *vitæ* escrita por Guilherme de Tocco, é relevante evidenciar que ele também foi interrogado. Acreditamos que esse depoimento extrapolaria o objetivo deste texto, na medida em que merece especial atenção, pois autor-testemunha se confunde com fiel-devoto. Interessa como foi feita a utilização das informações sobre o odor e a cura de Raynaldo. Neste último caso, Guilherme de Tocco apenas escreveu um breve parágrafo, arrolando o fato dentre os outros milagres contidos na segunda parte da *vitæ*.

Quanto aos odores emanados no túmulo, porém, Guilherme de Tocco enriqueceu a história e a transformou num dos capítulos finais da *vitæ*. Tomás de Aquino aparece no sonho do abade do mosteiro e ameaça castigá-lo caso não seja possível que seus irmãos dominicanos possam ver seu corpo fora da sepultura. Com medo da justiça divina, o abade convoca alguns monges e seguem à sepultura. Após romperem os lacres, “une odeur s’en échappa, telle qu’il ne sembalit pas que l’on avait ouvert un tombeau contenant des restes humains, mais bien plutôt une armoire pleine d’aromates”.³⁸

Considerações Finais:

A transformação de um depoimento numa narrativa hagiográfica, neste caso, perpassa pela utilização de *topos* hagiográficos. Os odores, as visões e aparições e o poder de ação e temor que o santo desperta caso o que tem que ser feito não é cumprido, além de compor o imaginário sobre a santidade também faziam parte do arsenal hagiográfico que permitia Guilherme de Tocco, um dominicano, “fabricar um santo” a partir da tradição que sua Ordem Religiosa tinha de compilar essas histórias.

Desta forma, acreditamos que analisar processo de canonização e hagiografia permite um olhar mais próximo sobre a santidade do que apenas uma análise dos processos de canonização, como o fez André Vauchez. Na medida em que o olhar sobre uma personagem é visto através das concepções dos interrogados e na versão apresentada pelo hagiógrafo, podemos discutir, além das possibilidades de diferentes santos – de acordo com os grupos sociais analisados –, as especificidades da escrita sobre esses seres excepcionais.

³⁸ GUILLAUME DE TOCCO. *L’histoire de saint Thomas d’Aquin...* op. cit. p.129.

Referências Bibliográficas:

1. Fontes:

DE SANCTI THOMA AQUINATE: Doctore Angélico Ordinis Praedicatorum. In: *Acta Sanctorum. Martii.* Tomus I. A Ioanne Bolland S.I. colligi felicit coepta A Godefrido Henschenio et Danielle Paperbrocchio eiusdem societatis Iessu aucta digesta & illustrata. Antuperpiæ, apud Iacobum Meursium. Anno MDCLXVIII. pp. 655-747.

FOSTER, K. *The Life of Saint Thomas Aquinas: biographical documents.* Baltimore: Helicon Press; London: Longmans, 1959.

GUILLAUME DE TOCCO. *L'histoire de saint Thomas d'Aquin.* Traduction française du dernier état du texte (1323) avec introduction et notes par Claire Le Brun-Gouanvic. Paris: Cerf, 2005.

TOMÁS DE AQUINO. *CONTRA IMPUGNANTES DEI CULTUM ET RELIGIONEM.* Documento disponível em: <http://www.corpusthomisticum.org/oci0.html>. Acesso em 2 de maio de 2008.

2. Bibliografia Citada:

BOUREAU, A. "Miracle, Volonté et imagination: la mutation scolastique (1270-1320)". In: *MIRACLES, PRODIGES ET MERVEILLES AU MOYEN AGE.* Paris: Sorbonne, 1995. pp. 159-172.

BROWN, P. *The cult of the saints: Its Rise and Function in Latin Christianity.* Chicago: UCP, 1982.

CERTEAU, M. *L'écriture de l'histoire.* Paris: Gallimard, 2002.

DE BONI, Luis A. As condenações de 1277: os limites entre a Filosofia e a Teologia. In: IDEM (org.). *Lógica e Linguagem na Idade Média.* Porto Alegre: EDIPUCRS, 1993. pp. 127-144.

DELEHAYE, H. *Les Légendes Hagiographiques.* 3éd. Bruxelles: Société des Bollandistes, 1927.

KLEINBERG, A. *Histoire des Saints: Leur rôle dans la formation de l'Occident.* Paris: Gallimard, 2005.

MULDER-BAKKER, A. "The invention of saintliness. Texts and contexts". In: _____ (ed.). *The Invention of Sainliness.* Routledge: London, 2002. pp. 3-23.

PESCH, Otto H. *Tomás de Aquino: Límite y grandeza de una teología medieval.* Barcelona: Herder, 1992.

SCHMITT, J-C. *O Corpo das Imagens: ensaios sobre a cultura visual na Idade Média.* Bauru, SP: EDUSC, 2007.

TEIXEIRA, I. S. A encruzilhada das idéias: aproximações entre a *Legenda Áurea* (Iacopo da Varazze) e a *Suma Teológica* (Tomás de Aquino). Dissertação (Mestrado em História), UFRGS. Porto Alegre, 2007.

VAUCHEZ, André. *La Santità nel Medioevo.* Bologna: Il Mulino, 1989.